Elisa Lisiero

# Cooperadores guanelianos entre a pertença à Família Guanelliana, a coresponsabilidade eclesial, o diálogo e a aceitação da diversidade

(PARTE I)

## 1. Introdução

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Presidente dos Cooperadores Guanellianos pelo convite dirigido ao Dicastério em nome da Associação e pela oportunidade de compartilhar com todos vocês que participam deste momento da Assembleia alguns aspectos que espero que os ajudem no caminho dos membros leigos de uma associação que constitui o terceiro ramo da Família Guanelliana.

A reflexão que proponho a você surge de ouvir sua jornada e do diálogo com aqueles que coordenam e acompanham sua jornada neste momento; ao mesmo tempo, gostaria de oferecer algumas coordenadas para entender a posição eclesial da sua realidade, que faz parte de um panorama agregado muito amplo.

Dividi minha intervenção em duas partes, cada uma seguida por um momento de debate, com perguntas e intervenções. Na Parte I, começarei com algumas referências ao protagonismo leigo que cruzou a história da Igreja por séculos, para mostrar como as realidades agregadas de hoje estão em continuidade com as ondas de movimentos eclesiásticos que cruzaram a história da Igreja ao longo do tempo. Continuarei, portanto, com uma análise específica da matriz carismática de muitas realidades agregadas para destacar algumas características do "carisma original". Por fim, falarei das realidades agregativas leigas que surgiram do carisma comum a um ou mais institutos de vida consagrada (CVI), para especificar a missão dos leigos dentro deles.

## 2. O arcabouço histórico das agregações eclesiais pré e pós-conciliares

Após o Concílio Vaticano II, houve um florescimento de grupos leigos que assumiram acima de tudo a face de movimentos e novas comunidades, caracterizados por alguns elementos comuns, apesar das peculiaridades e características de cada realidade. Entre os aspectos comuns, aos quais retornaremos, está a origem carismática, ou seja, o fato de nascer de um carisma definido como "original". Os movimentos e novas comunidades foram acompanhados por outros fenômenos associativos que frequentemente têm em comum com os movimentos tanto sua origem carismática quanto sua natureza puramente laica. A esse respeito, o documento *Iuvenescit Ecclesia*, nº 2, afirma: "Tanto antes quanto depois do Concílio Vaticano II, surgiram numerosas agregações eclesiais que constituem um grande recurso para a renovação da Igreja e para a urgente 'conversão pastoral e missionária' de toda a vida eclesial. Ao valor e riqueza de todas as associações tradicionais, caracterizadas por propósitos particulares, bem como dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, juntam-se aquelas realidades mais recentes que podem ser descritas como agregações dos movimentos fiéis, eclesiásticos e novas comunidades."

[Tipos de associações reconhecidas pela DLFV] Trabalhando na DLFV, consegui identificar alguns tipos dessas realidades, reconhecidas internacionalmente, chegando a uma classificação: entre elas, há associações que surgiram do carisma de um instituto religioso com perfil semelhante ao seu;

de uma confraria; de uma intuição de espiritualidade ou apostolado; ou ex-OCI, organizações católicas internacionais[1].

[Origem remota] Esses fenômenos associativos que foram pós-conciliares ou surgiram antes do Concílio Vaticano II podem ser inseridos em um quadro histórico muito mais amplo, ao menos segundo uma interpretação que observe sua continuidade com as grandes correntes de movimentos presentes na Igreja desde a era apostólica. Em 1998, o então Cardeal Ratzinger, no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesias, apresentou uma leitura semelhante sobre o nascimento desses fenômenos, traçando-os até cinco grandes ondas de movimentos que se sucederam ao longo do tempo, cuja presença levou a uma revitalização do tecido eclesial.

*São precisamente: o monasticismo missionário, que se desenvolveu de forma florescente com Gregório Magno (590-604), até Gregório II (715-731) e Gregório III (731-741), com papel de destaque no processo de evangelização da Europa e que contou com o apoio do papado. No século X, o movimento de Cluny, com seu perfil "devocional e renovador", desempenhou um papel de importância absoluta na ascensão da reforma gregoriana, de importância fundamental para a recuperação da liberdade da Igreja. O movimento evangélico ocorreu no século XIII, liderado pelos dois grandes protagonistas, São Francisco e São Domingos, defensores do retorno ao Evangelho em sua pureza original e também defensores de uma ação evangelizadora, confiada à "nova classe de anunciadores", com uma ampla gama de ações muito além da Igreja local. O século XVI viu outros movimentos de evangelização, incluindo o dos jesuítas, defensores da ação missionária em escala global, juntamente com dominicanos e franciscanos. Finalmente, o século XIX foi repleto de movimentos dos quais surgiram congregações dedicadas à missão, educação e caridade.*

[Origem próxima] Além de uma origem remota desses fenômenos associativos, também é possível identificar, segundo estudiosos, uma origem próxima, traçando-os até as associações católicas difundidas na Europa entre os séculos XIX e XX, *com envolvimento predominantemente leigo e forte dependência da hierarquia. Entre as realidades agregadas, a Ação Católica destaca-se por seu notável desenvolvimento, pela organização capilar dos leigos e por sua ação eminentemente educativa. É precisamente da Ação Católica que surgem várias Organizações Católicas Internacionais (OCI), ativas em diversas esferas sociais que fazem parte de importantes organizações internacionais, como a ONU. Muitas dessas organizações se tornarão, após a reforma do Código, associações internacionais de fiéis, sob a competência principalmente do Conselho Pontifício para os Leigos primeiro e depois do Dicastério para os Leigos, Família e Vida*.

[Fase contemporânea] *Finalmente, é possível identificar uma fase contemporânea dessas realidades, limitando-nos a considerar o florescimento pós-conciliar de movimentos e novas comunidades e dividindo ainda mais esse período histórico. Com poucas exceções, na verdade, o grande desenvolvimento ocorreu entre as décadas de setenta e noventa, enquanto por volta dos anos oitenta o fenômeno experimentou certa institucionalização, bem como inclusão oficial na missão da Igreja, em particular graças ao pontificado de João Paulo II.*

## 2. A matriz carismática de inúmeros grupos leigos

Muitos grupos eclesiásticos que surgiram na era pré e pós-conciliar têm uma característica teológica fundamental em comum, ou seja, sua origem carismática. Esse elemento tem sido destacado de forma particular em estudos sobre movimentos eclesiásticos e novas comunidades que não

[1] Cf. E. LISIERO, *Tipos de Associações Internacionais de Fiéis: Uma Tentativa de Classificação*, «Ius Ecclesiae» 35 (2023), pp. 473-505.

respondem apenas a uma lógica agregativa de tipo sociológico. Cito um exemplo, o do Movimento Focolare, ou seja, a Obra de Maria, fundada antes do Concílio Vaticano II, por Chiara Lubich, partindo do carisma da unidade.

[Carisma compartilhado] *Como é bem sabido, a redescoberta dos carismas ocorreu precisamente durante o Concílio Vaticano II, com a reavaliação da dimensão pneumatológica da Igreja*[2]*. Essa origem carismática é enfatizada pelas intervenções magisteriais*[3] *dos pontífices e enfatizada pela Iuvenescit Ecclesia. De fato, lemos no n. 2 do documento: "Nesse sentido, essas agregações eclesiais, nascidas de um carisma compartilhado, tendem a ter como objetivo 'o fim apostólico geral da Igreja'". E no n. 16 encontramos estas preciosas indicações:*

> *Agregações eclesias, em suas várias formas, são apresentadas como dons carismáticos compartilhados. Movimentos eclesiásticos e novas comunidades mostram como um certo carisma original pode reunir os fiéis e ajudá-los a viver plenamente sua vocação cristã e seu estado de vida a serviço da missão eclesial.*

[Carisma original] *Observamos que se fala de um "carisma compartilhado" na base dos movimentos e novas comunidades. Segundo o teólogo H. U. von Balthasar, esse carisma pode ser considerado "original",*[4] *expressão adotada e estudada por L. Gerosa, que identificou quatro características principais: permite a realização de uma nova forma de sequela Christi; permite ao fundador exercer a paternidade e a maternidade da fé em relação aos outros, também despertando entre os membros um senso de pertencimento e família; está na origem de um forte impulso missionário do movimento; permite que os fiéis amadureçam sua identidade como cristãos fiéis e os faz percebidos como uma pessoa em relacionamento.*[5]

[Nova sequela Christi] *Quando falamos de um novo caminho de sequela Christi, referimo-nos ao fato de que o carisma ilumina um aspecto do Evangelho, uma palavra de Jesus que se torna uma "revelação" para o fundador ou fundadores. O chamado para sermos discípulos de Jesus, de fato, é único, mas o carisma determina uma forma específica de encarná-lo. Por exemplo, o carisma leva a viver a unidade de Jesus; ou a tentar reproduzir seu amor pelos fracos e pobres; ou seu anseio de evangelizar ou até mesmo seu espírito de oração. Em essência, para aqueles que aderem ao movimento e são atraídos pelo mesmo carisma original, um caminho de santidade é delineado a ser implementado juntos, uma forma de seguir Jesus em que um aspecto de sua vida e da pregação evangélica é enfatizado em vez de outro. Isso não significa que cada pessoa não traduza o chamado*

---

[2] Veja, em particular, LG 4, 7, 12 e AA 3.

[3] Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem aos Participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesias*, cit., p. 18. Pela relação entre o Espírito Santo e os movimentos no magistério de Bento XVI: cf. L. NAVARRO, *Os Novos Movimentos Eclesiásticos no Magistério de Bento XVI,* Ius Ecclesiae, 21 (2009), pp. 573-574. A partir da análise das várias intervenções do Papa sobre os movimentos, pode-se compreender a estreita ligação entre essas realidades eclesiais e a terceira Pessoa da Trindade. Os movimentos são um dom do Espírito e, portanto, procorrem de uma iniciativa divina, não apenas da simples agregação dos fiéis; são instrumentos providenciais do Espírito para reavivar a fé nos crentes; são verdadeiras e adequadas "irrupções do Espírito" para a sociedade contemporânea. Sua origem carismática os coloca a serviço da edificação da Igreja e, ao mesmo tempo, confere legitimidade à sua existência. Sobre a natureza carismática dos movimentos no magistério do Papa Francisco, cf. G. FELICIANI, *Você pode ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja que "avança". Papa Francisco e movimentos eclesiásticos. Qual o status canônico para novas comunidades?* , «Stato, Chiese e pluralismo confessionale» 22 (2020), pp. 34-36, https://statoechiese.it/contributi/voi-potete-essere-braccia-mani-piedi-mente-e-cuore-di-una-chiesa-in-uscita (acessado: 12 de abril de 2024).

[4] H.U. VON BALTHASAR, *Reflexões para uma obra sobre movimentos leigos na Igreja,* em *The Laicato and the Mission of the Church,* editado por I. Biffi – al., Milão, Istra, 1987, p. 87.

[5] Cf. L. GEROSA, *Carisma e Lei na Igreja. Reflexões Canônicas sobre o "Carisma Original" dos Novos Movimentos Eclesiais*, Milão, Jaca Book, 1989, 79-90.

*coletivo com nuances peculiares, talvez dependendo do estado de vida ou do diferente grau de pertencimento.*

[Vocação comum] *Tomamos a liberdade de propor uma passagem adicional: se for verdade que a adesão ao mesmo carisma molda uma identidade comum, porque leva à encarnação da vida cristã de uma maneira particular, então não é ousado falar de uma "vocação comum" determinada pelo carisma original. Isso é afirmado, por exemplo, pelo bispo alemão C. Hegge, segundo quem o carisma "único" de um fundador se torna vocação de todos os membros*[6]*. Do carisma procede, de fato, um estilo de vida proposto aos adeptos do movimento; uma espiritualidade; um estilo relacional; uma forma de se relacionar com realidades materiais, até as determinações que digam-se respeito a áreas concretas da existência. Todos esses aspectos conduzem à realização do único chamado à santidade que flui do batismo de muitas formas, precisamente de acordo com vocações particulares. Como se pode entender, neste caso a palavra "vocação" é usada em um sentido que difere da linguagem eclesial comum, na qual se fala de vocação ao sacerdócio, à vida consagrada e, recentemente, à vida conjugal, como enfatizou o Papa Francisco em Amoris Laetitia no nº 72.* [7]*Para usar uma expressão do teólogo G. Canobbio, vocação é entendida como a "pluralidade de realizações concretas da vida cristã."*[8]

[Referências estatutárias] Se tomarmos o *Estatuto* dos Cooperadores Guanellianos[9], podemos identificar claramente as referências a um carisma comum, o mesmo do qual surgiram institutos religiosos masculinos e femininos. Lemos no n. 1: "Aderamos com alegria e convicção, em nosso estado de vida laica, ao carisma de São Luís Guanella, tentemos seguir seu modelo de vida e o compromisso de proclamar aos pobres a boa nova da salvação, em imitação a Jesus, o Bom Pastor, e ao compassivo samaritano". E novamente, no n. 2: "Com as Filhas de Santa Maria da Providência e com as Servas da Caridade, nós Cooperadores também somos portadores do carisma de São Luís Guanella". Interessante, então, no nº 5, é a linguagem vocacional utilizada: "O cooperador guaneliano aceita como uma graça especial e um dom particular esse chamado de Deus para viver um projeto de caridade".

[Uma santidade com diferentes declinações] *O carisma e suas manifestações, no nível da espiritualidade e dos compromissos, moldam assim a forma como cada membro vive sua vocação cristã: dão-lhe uma face precisa no mar infinito de possibilidades, na tensão em direção à única santidade à qual todo batizado é chamado, por diferentes caminhos: "Equipados com meios salutares de tamanha abundância e grandeza, todos os fiéis de todo estado e condição são chamados pelo Senhor, cada um à sua maneira, a uma santidade cuja perfeição é a do próprio Pai celestial" (LG 11). O Papa Francisco, na Exortação Apostólica Gaudete et Exultate, no nº 21,*[10] *apresenta o santo como aquele que encarna uma Palavra da mensagem do Evangelho: "Assim, cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai das riquezas de Jesus Cristo e dá ao seu povo. Ele nos lembra que os caminhos para a santidade são diferentes." Isso é obviamente verdade não apenas para os santos, mas também para toda pessoa batizada: "O céu conceda que reconheças qual é essa palavra, essa mensagem de Jesus, que Deus deseja falar ao mundo com tua vida" (GE 23).*

Quando falamos de adesão a um carisma e do que isso implica em termos de declinações da vida cristã, referimo-nos a uma dimensão de identidade que surge muito antes da implementação dos

---

[6] Cf. C. HEGGE, *Il Vaticano II e i movimenti. Una recezione carismática*, Roma, Città Nuova, 2001, p. 88.

[7] Francesco,

[8] G. CANOBBIO, *Dagli stati di vita alle vocazioni*, in *Gli stati di vita del cristiano,* editado por G. Canobbio, F. Dalla Vecchia, G.P. Montini, Brescia, Morcelliana, 1995, p. 40 («Quaderni del Seminario di Brescia», n. 5).

[9] ASSOCIAZIONE GUANELLIANI COOPERATORI, *Statute*, Roma 2015, https://www.operadonguanella.it/la-famiglia-guanelliana/guanelliani-cooperatori (acessado: 7 de outubro de 2026).

[10] FRANCISCO, Exortação. Apost. *Gaudete et Exultate*, Sobre o Chamado à Santidade no Mundo Moderno, 19 de março de 2018, AAS 110 (2018), pp. 1111-1161.

serviços. Isso também se manifesta no *Documento Orientador em preparação para a II Assembleia dos Cooperadores Guanellianos, na qual não apenas* se afirma que inúmeras contribuições dos membros destacam que a filiação à associação ajuda a "viver a vocação batismal de forma mais consciente",[11] mas também o fato de que "a filiação à Associação não representa apenas um compromisso voluntário, mas um chamado para viver o carisma guaneliano na vida cotidiana, na família, no trabalho e na comunidade eclesial" [12]é colocado como elemento de convergência.

[Traços comuns do carisma guaneliano] Em qual é fundamentada a expressão do carisma dos Cooperadores Guanellianos? Os Estatutos, no nº 6, afirmam: "Guiado pelo Espírito Santo, o Pe. Guanella viveu e transmitiu aos membros de sua família um estilo de vida e ação original que tem origem em uma experiência evangélica típica. Essa experiência caracteriza e dá um tom concreto ao nosso relacionamento com Deus, aos nossos relacionamentos com nossos irmãos e irmãs e à nossa presença e ação no mundo."

Se entrarmos em mais detalhes e considerarmos cada um desses aspectos, vemos que os Estatutos os apresentam um a um, fornecendo uma visão clara de como o carisma os determina e molda. No que diz respeito à relação com Deus, destaca-se o senso de paternidade de Deus e de sua Providência (cf. n. 7); a dimensão filial em Cristo (cf. n. 8); uma espiritualidade marcada pela oração de abandono em Deus Pai; pelo amor à Eucaristia; pela devoção à Virgem Maria e a São José (cf. n. 9). Quanto ao estilo relacional, destacam-se o amor pela predileção pelos pobres (cf. n. 10) e a necessidade de cultivar o espírito familiar (cf. n. 12). Finalmente, no que diz respeito à presença e ação no mundo, percebe-se o compromisso comum dos três ramos da Família Guanelliana para aprofundar e espalhar o carisma guaneliano; a realização de projetos e iniciativas comuns; participação em encontros comuns de oração e verificação da fidelidade ao carisma (cf. n. 20).

Até agora destacamos os traços comuns, aqueles que derivam de uma vocação transversal aos membros da Família Guanelliana, embora para cada um dos três ramos, caracterizados por diferentes estados de vida, também existam declinações específicas. Afinal, muitas vezes acontece que, dentro de realidades agregadas que surgem de um carisma, existam pessoas de diferentes estados de vida *que compartilham compromissos comuns e um estilo de vida claramente marcado pelo carisma, contribuindo de forma original para o desenvolvimento do único ideal.*

## 4. Associações com um carisma do qual surgiu uma CVI

[Origem das associações com o carisma de um IVC] Alguns grupos leigos têm em sua origem o mesmo carisma que fez florescer institutos de vida consagrada, masculinos e femininos. Se olharmos para a história dessas associações, vemos pelo menos três situações: em alguns casos, um leigo ou uma leiga sentiu-se particularmente atraído pelo carisma de um instituto religioso e entendeu que a mesma intuição carismática poderia ter sido declinada no estado leigo, tornando-se um caminho de promoção da vocação cristã dos leigos, por meio da proposta de um itinerário espiritual e atividades apostólicas a serem vividas 'no meio do mundo'. Em outros casos, foram os religiosos que tomaram a iniciativa de fundar uma realidade agregada de leigos atraídos pelo carisma de seu instituto religioso. Finalmente, uma terceira possibilidade é que o fundador de um ou mais institutos religiosos tivesse a intuição, com base em um carisma, de dar vida a uma única família espiritual composta por homens e mulheres religiosos e leigos. Nesse caso, a realidade leiga compartilha alguns aspectos

[11] *Documento Orientador em Preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos,* p. 2.
[12] Ibid., p. 10.

importantes com o instituto da vida consagrada, em particular a espiritualidade e os propósitos apostólicos.

[História dos Cooperadores Guanellianos] Na história da Família Guanelliana, surgiu essa terceira hipótese: o fundador, desde o início da fundação, entendeu que os leigos também eram chamados a compartilhar a mesma intuição carismática, comprometendo-se com uma espiritualidade e missão comuns, embora de acordo com as diferenças devido ao estado de vida. A esse respeito, lemos no site das Irmãs Guanellianas: "Com as duas Congregações Religiosas que ele fundou – as Filhas de Santa Maria da Providência e as Servas da Caridade – desde o início o Senhor também cercou [o fundador] de colaboradores leigos e Dom Guanella os considerava "todos os filhos e irmãos que com ele gastam sua inteligência, seu trabalho, seu dinheiro ou sua oração, para fazer as obras que não apenas levam o nome da Providência andarem pelos trilhos da providência, mas que valem mais suas vidas."[13] Além disso, o preâmbulo do *Estatuto* diz: "Com energia contagiante e entusiasmo, ele reuniu ao seu redor um grupo de Irmãs, as Filhas de Santa Maria da Providência, padres, as Servas da Caridade e amigos leigos, convocando-os a compartilhar seu incansável zelo caridoso em muitas partes da Itália, na Suíça e também na América do Norte."

[Família Espiritual/Carismática] Os Cooperadores Guanellianos são juridicamente uma associação ligada de fiéis que faz parte da Família Guanelliana, como um terceiro ramo leigo. A Família Guanélia é uma família carismática, uma realidade composta por um "conjunto de institutos, pessoas de diferentes estados de vida – leigos, padres, homens e mulheres, religiosos, seculares que se reconhecem como pertencentes ao mesmo Carisma do Fundador ou Fundadora e são unidos entre si por ele em fraternidade em Cristo".[14] De fato, como afirmou o Papa Francisco em sua carta para o Ano da Vida Consagrada: "De fato, ao redor de toda família religiosa, assim como nas Sociedades de Vida Apostólica e nos próprios Institutos Seculares, existe uma família maior, a 'família carismática', que inclui vários Institutos que se reconhecem no mesmo carisma e, acima de tudo, cristãos leigos que se sentem chamados, precisamente em sua condição leiga, para participar da mesma realidade carismática".[15]

Entre as diferentes realidades que compõem a Família Carismática (em nosso caso "os ramos"), há a plurivocacionalidade, pois há fiéis de diferentes estados de vida que têm em comum o mesmo carisma, a mesma missão e a mesma espiritualidade. No entanto, cada realidade possui seu próprio texto jurídico (Constituições e estatutos) e sua própria autonomia de governança, embora associações leigas, como no caso dos Cooperadores Guanellianos, possam ter o perfil de uma associação que depende de um instituto de vida consagrada.

## 5. O papel dos leigos dentro de uma família carismática

[Família, trabalho e sociedade: espaços de missão dos leigos] Até agora focamos nos aspectos de uma identidade comum; agora entramos na especificidade do papel dos leigos dentro de uma realidade agregada que faz parte de uma família carismática.

*Um leigo de uma associação de fiéis vive sua missão em primeiro lugar no nível de testemunho no ambiente em que está inserido: família, trabalho e sociedade e sociedade. A esse respeito, o Decreto do Concílio sobre o Apostolado dos Leigos afirma: "Existem muitas oportunidades para os leigos exercerem o apostolado da evangelização e santificação. O próprio testemunho da vida cristã*

[13] https://www.suoreguanelliane.org/diventa-cooperatore/ (acessado: 7 de outubro de 2026).
[14] Site da UISG
[15] FRANCISCO, *Carta às Pessoas Consagradas por ocasião do Ano da Vida Consagrada*, 21 de novembro de 2014 (III-1).

*e das boas obras realizadas em espírito sobrenatural têm o poder de atrair as pessoas à fé e a Deus" (AA 6).*

*A participação em um movimento, ou, em geral, em uma associação de fiéis, leva a dinâmicas familiares vivas segundo um novo espírito, a aprofundar a graça do sacramento do matrimônio, recebido, talvez, sem grande consciência. Ao mesmo tempo, oferece novos estímulos para enfrentar o compromisso parental à luz dos valores cristãos. Muitos movimentos oferecem caminhos específicos para casais, de fato, às vezes o carisma visa principalmente a santificação da família e isso leva à elaboração de metodologias que favorecem o desenvolvimento da relação entre cônjuges, por exemplo, com momentos de diálogo e compartilhamento à luz da Palavra de Deus. Existem inúmeros testemunhos de cônjuges cristãos que mudaram positivamente a qualidade de sua vida conjugal ao tornarem-se membros de um movimento e ofereceram um testemunho da beleza do amor conjugal que vai além dos limites do lar.*

*Um leigo normalmente é inserido em um contexto social e em uma cultura que traz consigo valores e uma visão da realidade. É uma área na qual ele é chamado a oferecer seu testemunho cristão, especialmente onde o ideal evangélico parece distante. Não podemos esquecer que um espaço particularmente importante hoje é o mundo digital, onde todos podem se expressar livremente e afirmar convicções e escolhas em nítido contraste com a "civilização do amor".*

[Cooperadores guanelianos: Família, Trabalho e Sociedade: Espaços de Testemunho] De fato, o *Estatuto* dos Cooperadores Guanellianos, após recordar o exercício da *tria munera* no estado leigo, menciona precisamente as áreas da família, do trabalho e da sociedade, como espaços para viver, em primeiro lugar, o compromisso dos cooperadores (cf. *Estatutos*, nn. 16-18). Não se trata de fazer coisas extraordinárias, mas de ser testemunhas e promotores dos valores cristãos e daqueles especificamente ligados ao carisma, como a preocupação particular com aqueles que sofrem ou são mais fracos. Enfatizo o valor dessa testemunha que, como disse o Papa Francisco, pode ocorrer "em qualquer lugar, na rua, na praça, no trabalho, na rua" (EG 127).

Além disso, a prioridade da dimensão testemunhal aparece claramente na percepção dos membros da Associação. No *Documento Orientador em preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos*, na parte relativa à terceira área, a da missão, está afirmado que: "A primeira forma de missão é considerada testemunho pessoal". Além disso, diz-se que muitas contribuições respondem falando da vida cotidiana, especificando que "A caridade se espalha pelo exemplo, proximidade, escuta e a capacidade de construir relações autênticas [...] o testemunho precede as palavras e torna toda proclamação credível [...] A disseminação do espírito guaneliano passa por aceitação, ouvir, proximidade e a capacidade de fazer cada pessoa se sentir amada e valorizada. Nessa perspectiva, o serviço não é apenas uma atividade a ser realizada, mas um estilo de vida que faz com que a caridade de Deus esteja presente nos relacionamentos diários e nas situações concretas da vida."[16]

[Cooperação e co-responsabilidade com os institutos guanelianos] Além da dimensão do testemunho no próprio ambiente de vida, a missão da cooperativa guanelica é caracterizada por aspectos específicos, incluindo a colaboração com as Congregações guanelicas e suas obras (Estatutos, nn. 20-21). Além disso, o carisma direciona a missão para os pobres (cf. *Estatutos* n.º 23), tentados em corpo e espírito, em um dinamismo de constante saída de si para buscar a pobreza que se vê e aquilo que não se vê. O *Documento Orientador, em preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos*, fala de "obras, relacionamentos e iniciativas capazes de gerar esperança e promoção da pessoa".[17]

[16] *Documento Orientador em preparação para a II Assembleia dos Cooperadores Guanellianos*, pp. 7-8.
[17] *Ibid*. p. 11.

Elisa Lisiero

# Cooperadores guanelianos entre a pertença à Família Guanelliana, a coresponsabilidade eclesial, o diálogo e a aceitação da diversidade

(PARTE II)

## 1. Introdução

Nesta segunda parte da minha intervenção, vou focar nos aspectos relacionados à comunhão e à sinodalidade, inerentes tanto à relação dos Cooperadores Guanellianos com os dois ramos da Família Guanelliana, quanto à relação das associações com os pastores das Igrejas locais nas quais os grupos e associações estão inseridos, abordando princípios de natureza geral que também se aplicam aos Cooperadores Guanellianos.

## 2. A relação com a Família Guanelliana

[A Associação dos Cooperadores Guanellianos] No Decreto da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica de 2003, a Associação dos Cooperadores Guanellianos foi reconhecida como o terceiro ramo da Família Guanelliana, confiando à autoridade competente dos dois institutos religiosos (as Filhas de Santa Maria da Providência e as Servas da Caridade) a tarefa de aprovar mudanças nos Estatutos da Associação.

Não é minha intenção entrar em questões puramente jurídicas, porém parece importante lembrar algumas coordenadas fundamentais para entender a tipologia da associação dos Cooperadores Guanellianos.

[Notas sobre direito associativo] As associações dos fiéis nascem com base em um direito fundamental dos fiéis, sancionado no Código Latino de 1983 por can. 215. O reconhecimento desse direito é uma novidade importante que permite a livre iniciativa dos fiéis para fundar associações para fins eclesiais, sem necessidade de intervenção da hierarquia. No entanto, a autoridade eclesiástica competente pode erguer ou reconhecer associações de fiéis, de diferentes formas dependendo da natureza pública ou privada dessas associações. Além disso, a autoridade competente mantém o dever de vigilância sobre todas as associações dos fiéis, para evitar abusos no nível da fé e da moral, e isso anda lado a lado com o dever de visitar tais associações (cf. can. 305). As agregações eclesiais pré e pós-conciliares, das quais falamos na primeira intervenção, são, em sua maioria, canonicamente configuradas como associações privadas e públicas dos fiéis com reconhecimento diocesano ou nacional no nível das Conferências Episcopais, ou pontifícios (cf. can. 312).

A associação dos Cooperadores Guanellianos pode ser rastreada até o tipo de associações de fiéis ligadas a uma VCI e, especificamente, a dois institutos religiosos, sobre os quais há algumas

referências nas normas canônicas atuais, em particular os can. 311[1] e 677[2]. Essas referências são importantes para entender a relação entre os três ramos da Família Guanelliana, especificada nos Estatutos da Associação.

[Deveres das Congregações Guanellianas para com a Associação] Os dois institutos religiosos têm deveres para com os Cooperadores Guanellianos: alguns deles são de natureza geral, conforme relatado pelas normas do Código, em particular para garantir que a Associação leiga seja permeada pelo espírito da família religiosa guaneliana (cf. can. 677 §2), bem como para garantir que a associação seja incluída nas atividades do apostolado presente na diocese (cf. can. 311).

Outras tarefas são de natureza específica e as retiramos dos Estatutos; mencionarei algumas delas. Cabe aos Superiores Gerais aprovar as emendas aos Estatutos da Associação. Cada grupo de Cooperadores Guanellianos tem um Delegado (Servo da Caridade ou Filha de Santa Maria da Providência) responsável pela animação espiritual do Grupo local e pela formação dos indivíduos (cf. *Estatutos*, n. 30), responsável por emitir um parecer sobre o pedido de admissão de um aspirante a fazer a promessa (cf. *Estatutos*, n. 33). Cada Conselho Provincial possui um Delegado (Servo da Caridade ou Filha de Santa Maria da Providência) com tarefas de natureza formativa e espiritual (cf. *Estatutos*, n. 48). Se houver um concílio interprovincial em uma nação, ele é frequentado por um delegado (Serva da Caridade ou Filha de Santa Maria da Providência) designado pelos Superiores das províncias religiosas presentes nas nações em diálogo com o concílio interprovincial (cf. *Estatutos*, n. 53). O Conselho Mundial é composto por dois membros das congregações religiosas guanelianas (cf. *Estatutos*, n. 56) e se reúne com os Conselhos Gerais das duas Congregações para preparar programas comuns (cf. *Estatutos*, n. 57).

[Interação dos Cooperadores Guanellianos com as Congregações] Por outro lado, os Estatutos destacam o papel dos Cooperadores Guanellianos no cumprimento da missão comum junto com as duas Congregações guanelianas, conforme enfatizado pelo nº 20 dos Estatutos:

> *A Associação tem uma missão particular junto com as duas Congregações Guanellianas. Com elas, colaboramos no aprofundamento e disseminação do carisma guaneliano, participamos da realização de projetos e iniciativas comuns, incentivamos encontros comuns de oração e a verificação da fidelidade ao carisma.*

Também se fala de uma "colaboração concreta", no nº 21 do Estatuto:

> *Nas Obras das Filhas de Santa Maria da Providência e das Servas da Caridade e nas estruturas próprias dos Cooperadores, encontramos um lugar privilegiado para realizar nossa vocação guaneliana. Nossa atividade será marcada pela colaboração concreta e, se considerada apropriada, também pela atribuição de atividades e obras das Congregações Guanellianas. Neste caso, a colaboração é definida por acordos especiais.*

---

[1] "Os membros dos institutos de vida consagrada que presidem ou auxiliam associações de alguma forma unidos ao seu próprio instituto devem garantir que essas associações auxiliem nas atividades do apostolado existente na diocese, especialmente atuando sob a direção do ordinário local, juntamente com associações voltadas para o exercício do apostolado na diocese."

[2] "Superiores e membros devem manter fielmente a missão e os trabalhos próprios do instituto; no entanto, devem proceder com prudência às adaptações exigidas pelas necessidades de tempo e lugar, adotando também meios novos e adequados. §2. Institutos com os quais as associações dos fiéis estão unidas devem ajudá-los com particular preocupação, para que possam ser permeados pelo espírito genuíno de sua família religiosa."

[Colaboração] O Documento Orientador, em preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos , *retorna ao tema da colaboração*; entre os temas apontados pelos membros como merecedores de atenção especial está precisamente a relação entre os Cooperadores Guanellianos e os outros componentes da Família Guanelliana:

> *Destaca-se o valor da colaboração com as Servas da Caridade e as Filhas de Santa Maria da Providência na formação, sendo propostos cursos associativos de formação para a vida em conjunto com religiosos e religiosos, além de fortalecer os programas comuns. É necessário discutir temas de co-responsabilidade, participação e cooperação dentro da Família*[3].

> *Há também o desejo de fortalecer os laços entre as diferentes vocações da Família Guanelliana, reconhecendo na colaboração entre leigos e religiosos um recurso importante para transmitir o carisma às novas gerações, acompanhar grupos locais e tornar a missão compartilhada mais incisiva. Apesar das diferenças nos contextos locais, há um claro desejo de caminhar juntos, apoiar-se mutuamente e construir um futuro comum*[4].

[Co-responsabilidade ] O Documento Final do Sínodo sobre Sinodalidade também focou nos processos de tomada de decisão, porque neles se traduz o compromisso do Povo de Deus de viver uma co-responsabilidade eficaz. No entanto, destaca-se um conceito, o de co-responsabilidade diferenciada, que acredito ser fundamental para interpretar muitos processos no nível eclesial e que também pode ser declinado na relação dentro da Associação dos Cooperadores Guanellianos, na qual há membros com diferentes tarefas, e na relação entre a Associação e as Congregações Guanellianas.

O Documento afirma, com relação à articulação dos processos de tomada de decisão:

> *Esta última geralmente prevê uma fase de elaboração ou instrução "por meio de um trabalho comum de discernimento, consulta e cooperação" (CTI, n. 69), que informa e apoia a tomada de decisão subsequente, que é responsabilidade da autoridade competente. Não há competição ou contraste entre as duas fases, mas, por sua articulação, elas contribuem para o fato de que as decisões tomadas são fruto da obediência de todos ao que Deus deseja para Sua Igreja. Por essa razão, é necessário promover procedimentos que tornem eficaz a reciprocidade entre a assembleia e aqueles que a presidem, em um clima de abertura ao Espírito e confiança mútua, na busca por um consenso o mais unânime possível. O processo também deve incluir a fase de implementação da decisão e a de sua avaliação, na qual as funções dos sujeitos envolvidos são novamente articuladas de novas maneiras*[5].

## 3. A relação com os pastores da igreja local

Entre os Grupos de Estudo criados na implementação do Quirógrafo do falecido Padre Francisco para tratar de algumas questões específicas que surgiram durante o Sínodo sobre Sinodalidade, um também foi dedicado à relação entre agregações locais e os Pastores das Igrejas

---

[3] *Documento Orientador em Preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos*, p. 12.
[4] Ibid.
[5] XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão. Documento Final da Segunda Sessão da Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (2-27 de outubro de 2024)* 26 de outubro de 2024, nn. 90-91.

locais. O Documento Resumo produzido pelo Grupo está totalmente disponível, então tomo a liberdade de recordá-lo, em sua parte final, porque também pode oferecer ideias para abordar esse tema em relação aos Cooperadores Guanellianos.

[Inclusão de associações nas Igrejas específicas] Normalmente, associações de fiéis operam dentro das Igrejas específicas, embora sua difusão possa ser internacional e seu reconhecimento às vezes reflita essa estrutura. Isso nos leva a considerar a relação entre a associação e o pastor da Igreja local, que é chamado a cuidar delas, como já recordamos. Também não devemos esquecer o papel do bispo como moderador do culto e apostolado em sua diocese (LG 27).

[Princípios retirados do Documento do Grupo 6] Existem tarefas específicas dos pastores em relação às associações de fiéis presentes no território sobre o qual têm jurisdição, mas também há uma atitude de associações ao estabelecer relações com pastores e igrejas locais. Adotando o documento do Grupo 6, Subgrupo 3, fica clara a necessidade de uma "conversão relacional" que possa "dar origem a uma troca de dons a serviço da missão comum".

> *Essa conversão relacional (em parte já em andamento) pode ser descrita com um movimento virtuoso duplo. Por um lado, os pastores são chamados a considerar os membros da AFMENC não como um problema a ser resolvido dentro das igrejas locais, mas como fiéis com quem estabelecer uma relação; por outro lado, os membros da AFMENC são chamados a se conceber como "em missão", abandonando toda autorreferencialidade e colocando-se a serviço da Igreja. A consciência da missão comum à qual se é chamado pode fomentar a conversão relacional desejada pelo Sínodo*[6].

Além da conversão relacional, emerge o princípio da comunhão, ao qual podemos nos referir

> *algumas atitudes consideradas necessárias tanto por parte de bispos quanto de moderadores, como abertura e diálogo. A escuta ativa e empática, livre de preconceitos e preconceitos, também é fundamental. Assim, é possível alcançar conhecimento mútuo, que por sua vez é favorecido por uma disposição proativa para a comunicação periódica e constante. Um passo adicional também faz parte do espírito de comunhão, a saber, o codiscernimento, entendido como participação compartilhada nos processos de tomada de decisão*[7].

Também não devemos esquecer o princípio da co-essencialidade entre dons hierárquicos e carismáticos, que permite aos pastores vigiar o exercício dos carismas e seu discernimento, bem como o acompanhamento das realidades que surgem de um carisma[8].

Por fim, o princípio da sinodalidade possibilita

> *construção de laços de unidade, interdependência, colaboração e co-responsabilidade. A interdependência consiste em influência mútua, em uma troca e confronto contínuos que requerem "confiança mútua" entre as pessoas e a coordenação dos próprios esforços e recursos com os dos outros para alcançar os objetivos esperados. Para realizar uma jornada sinodal, não é possível agir sozinho: os outros são indispensáveis [...]* [9].

---

[6] GRUPO DE ESTUDO NÚMERO 6, *A Revisão em uma Perspectiva Sinodal e Missionária dos Documentos sobre Relações entre Bispos, Vida Consagrada, Agregações Eclesiais*, p. 49.
[7] Ibid., p. 64.
[8] Ibid., p. 64-65.
[9] Ibid., pp. 65-66.

Algumas ferramentas concretas para o exercício da sinodalidade são a inclusão no plano pastoral diocesano e nos diversos órgãos de participação; as consultas das associações leigas; as comissões de movimentos ou associações leigas; a assembleia sinodal e as assembleias diocesanas.

Acredito que os princípios recém-recordados podem oferecer uma base para reflexão em sua Assembleia ou talvez levantem questões, levando à questão de até que ponto a Associação está inserida no nível da Igreja local e em que medida a relação dos grupos locais com os Pastores é cultivada. Por fim, cito um lembrete do seu documento que destaca a necessidade de colaboração com as realidades do território, tanto paróquias quanto outras associações beneficentes:

> *Numerosas contribuições também convidam à colaboração com paróquias, Caritas, associações, obras guanelianas e outras realidades da região. Essa perspectiva é destacada de forma particular pela Itália, que propõe uma colaboração estável com as realidades já operando no território, e pelo Brasil, onde a participação em atividades sociais e pastorais voltadas para os mais vulneráveis é* [10]*incentivada.*

[10] *Documento Orientador em Preparação para a Segunda Assembleia dos Cooperadores Guanellianos*, p. 8.